


Ricardo Pires de Souza

A Casa de Maria Garcia

1ª edição | São Paulo | 2026

 **Fábrica**
de cânones


LITERATURA

Copyright © Fábrica de cânones, 2026

A Casa de Maria Garcia © Ricardo Pires de Souza, 2026

© Dobradura Editorial, 2026

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte da obra pode ser reproduzida de qualquer forma ou por qualquer meio ou armazenada, sem a permissão prévia e por escrito do autor e da editora.

Fábrica de cânones

R. Professor Miguel Milano, 80, Vl. Mariana

CEP: 04012-010, São Paulo – SP – Brasil

Tel: (11) 98338-2314

@fabricadecanones

fabricadecanones.com.br

RLTF Damazio: Treinamento e Edição | Dobradura Editorial

Rua Bartira, 485, apto. 14

CEP 05009-000, São Paulo – SP – Brasil

Tel: (11) 99515-7510

www.dobraduraeditorial.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

S718c Souza, Ricardo Pires de

A casa de Maria Garcia / Ricardo Pires de Souza.

-- São Paulo, SP : Fábrica de Cânones, 2026.

140 p.

ISBN 978-65-85148-34-4


1. Ficção brasileira I. Título

26-2126

CDD B869.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção brasileira

 **Fábrica**
de cânones

dobradura
EDITORIAL

*e começou a decifrar o instante que estava vivendo,
decifrando-o à medida em que o vivia,
profetizando-se a si mesmo no ato de decifrar...*

Gabriel García Márquez

para Letícia Rocha

Sou um deus pequeno, desses que não costumam aparecer nos panteões clássicos de nenhuma mitologia importante. Às vezes, lembram meu nome nas listas dos deuses tribais e, então, minhas funções e prerrogativas são exaltadas. Quem entende um pouco do assunto sabe que os deuses são inferiores às pessoas, e, embora possuam poderes e atributos sobre-humanos, necessitam encarnar como elas para terem a chance de atingir a libertação do eterno ciclo de vida-e-morte-e-renascimento a que todos os seres estão sujeitos. O Buda sabia disso, e, embora não negasse a existência dos deuses, não lhes devotava importância; tinha, sim, infinita compaixão por eles estarem tão distantes da verdadeira existência espiritual. Mesmo assim, quero contar minhas histórias e espero que elas sejam interessantes, pois presenciei quase toda a evolução do universo, da vida e da humanidade. Acho que é ótima a oportunidade, pois, no momento, aguardo encarnar como pessoa, em busca de uma remota, porém inelutável libertação.

Por causa desse momento de espera, acabei me encontrando em uma condição peculiar: uma espécie de ‘estágio probatório’: sob a *persona* de um estudante universitário, me tornei frequentador das rodas de conversa da casa de Maria Garcia Collalto e Ângelo Collalto e é sobre as ideias e os casos que ouvi e contei nesses encontros que se trata este relato.

Como um deus, vivo em um eterno presente. Embora também sejamos escravos do tempo, este funciona de forma diferente para os deuses. Para as pessoas, o tempo é linear – os eventos se

sucedendo segundo a percepção do antes e do depois –, para os deuses tudo acontece mais ou menos simultaneamente. Assim, mesmo eventos muito distantes não têm, para mim, uma separação muito clara. Posso ter me curvado diante de Ishtar num instante, e, no instante seguinte ou no mesmo (ou milênios depois), entregar uma mensagem a Constantino que terminou por fazê-lo se converter ao cristianismo; tudo isso enquanto presencio a primeira mulher domesticar o trigo selvagem.

Devo dizer que, embora ansioso por um existir humano e seja apenas um deus pequeno, não tenho queixas da minha existência até aqui. Pelo contrário, não ser um deus maior me possibilitou uma liberdade que não teria de outro modo.

Fui mensageiro. Nem de perto um nobre psicopompo do quilate de Hermes, mas ainda assim tive bastante serviço, pois são constantes as missivas entre os deuses e as pessoas e Hermes e os outros notáveis mensageiros não conseguiam entregá-las todas. Para mim, restavam as tarefas com menor *glamour*. As pessoas também percebiam essa sobrecarga sobre os deuses maiores e, se o pleito fosse de menor relevância, recorriam a mim, poupando-os de aborrecimentos.

Fui também um eficiente escriba, modéstia à parte, função que me agradava. Embora não pudesse me comparar ao deus-elefante Ganesha ou ao Toth cabeça-de-íbis, cumpri, durante milhares de anos, papel importante: fazia cópias dos textos originais que os grandes deuses-escribas produziam. Assim, de tanto reler e copiar o Épico de Gilgamesh, a *Ilíada*, a *Odisseia*, o *Ramayana*, o *Mahabharata*, o *Dhammapada*, o *Tao Te King*, a Bíblia, o *Popol Vuh*, os *Analectos* e outros tantos textos sublimes, terminei por decorá-los. Mesmo agora que sou apenas uma espécie de espectro intermediário, guardo essas obras de cor, incluindo as suas muitas versões e traduções.

Possuía ainda outras qualidades e, dentre elas, a mais divertida era a de gostar de contar histórias. Contar histórias me tornava popular entre os deuses, que gostavam quando eu trazia notícias das últimas peripécias dos deuses de outros panteões. Trazia mensagens e sempre tinha uma cópia de algum livro impressionante e, por isso, era bem recebido nas cortes. Também não precisava fazer força para que os ouvintes se tornassem falantes e contassem outras histórias, o que tornava meu mancebo inesgotável.

Sob a forma de um estudante de literatura bem-vindo por Maria e Ângelo – o Anjo, como ela o chamava –, eu era tratado como “*filho da casa*”. Maria me reconheceu em minha natureza. Sensitiva e mentalista, não haveria como esconder dela o fato de ser um deus, ainda que pequeno. Ângelo e Guilhermina foram avisados sobre mim. Os três moradores da casa eram pessoas espiritualmente sofisticadas, sem preconceitos; me contaram que outros seres sobrenaturais já haviam passado por ali. Para os demais frequentadores da casa, eu era apenas um estudante com uma cultura geral um pouco acima da média e grande imaginação.

Maria e eu nos encantamos no momento que nos abraçamos.

Quando a encontrei pela primeira vez, estava de cócoras, cuidando do quintal. De boné e jardineira, muito magra e pequena. Ela se levantou, me abraçou e me chamou de *filho*. Não fez caso de eu ser um deus, ainda que pequeno; percebeu a minha angústia, prestes a renascer como pessoa. Como deus, entendo acerca do sobrenatural, mas não compreendo o transcendental; conheço outros deuses e seres etéreos, mas nada sei sobre a espiritualidade verdadeira. E antevi em Maria um estado de espírito que eu não poderia alcançar a não ser com muito esforço e sofrimento.

Maria recebia pessoas (e, eventualmente, outras criaturas e seres) para o que chamava de “um papo”. Essas conversas eram reservadas e com hora marcada, mas nunca cobrava nada. Segundo ela, cumpria missão cármica. Desvelava, por meio de sua própria vivência, a elevação espiritual às pessoas que a procurassem. Estava sempre disponível para conversar; e parava tudo o que estivesse fazendo para receber quem chegasse na casa. Julgava sua obrigação pessoal – e obrigação de todo aquele que havia dado um passo adiante no caminho da evolução espiritual – ajudar outros em seu desenvolvimento intelectual, moral e espiritual, a qualquer um que se apresentasse em busca de respostas, amando incondicionalmente, sem censurar erros ou fracassos. Dizia ser falta grave, com altíssimo débito cármico, fazer uso egoísta de conhecimentos espirituais profundos.

Maria era adepta da yoga, da meditação e do pensamento oriental. Cristã de nascimento, devota de São Francisco de Assis, repetia com frequência: “Deus me livre da riqueza”. Gostava de ler. Fazia leituras esotéricas. Depois de trabalhar as manhãs no jardim, mexendo na terra e atendendo necessidades telúricas; depois de trabalhar duro às tardes no antiquário ou na oficina, fazendo restaurações e cuidando das peças; e depois de passar as noites recebendo pessoas para conversar; e depois de conversar comigo indefinidamente, passava o restante das madrugadas deitada no sofá da sala, lendo até adormecer.

– Doutrinas e dogmas sectários não levam à libertação espiritual – dizia. – Pelo contrário: doutrinas e dogmas separam as pessoas. Mais importante do que uma origem comum de todas as religiões, como quer a teosofia – o que até pode ser verdade –, é que todas as religiões conduzam a um objetivo universal: a libertação espiritual e a realização de Deus. – Sentada na beira do sofá, com as costas retas, não se apoiava no encosto. Entre as falas, para se manter conectada com o princípio divino, respirava fundo três vezes com uma breve pausa entre a inspiração e a expiração.

– Realizar o Absoluto é ver Deus em tudo que há – seja animado ou inanimado –, porque não há nada que não seja Deus. – Por vezes, nessas horas, inclinava o corpo para frente e olhava dentro dos olhos de um ouvinte enquanto falava:

– Depois que se alcança um estado de consciência divina, esse alguém não volta a se separar de Deus. Não busca mais fama ou poder ou riquezas, não sente apego pelo próprio corpo e nem pela sensualidade dos sentidos, mas se torna livre de apegos mundanos. Percebe nascer de si um amor incondicional por tudo e por todos, amor Divino que emana de si e transborda, sem exigir reciprocidade ou retorno. Assim, todo o seu ser se torna um veículo da vontade divina. – O lindo carrilhão de

parede do século 18 que um dia seria vendido, como quase tudo na casa, tocou. Seu badalo foi potente o suficiente para interromper Maria, que sorriu, vendo em tudo a mão divina.

– A Vida é a mãe divina e Deus é o pai divino. A realização da verdade absoluta – o Samâdhi –, obtida por renúncia e devoção, torna irrelevante qualquer discriminação de gênero ou origem. Deus pode ser adorado sob diferentes formas e diferentes nomes. – Maria finalizava a fala de maneira quase coloquial, como se aquilo que estava dizendo fosse uma banalidade fácil de entender. Provavelmente ela já tinha licença para ser ela mesma antes do seu despertar espiritual, mas, quando expressava questões profundas dessa maneira simples e quase gaiata, dava ar de coisa nossa, tirando delas a pompa filosófica.

Uma das coisas que Maria mais rejeitava em nome do desapego e da renúncia era aquilo que dizia ser a maior fonte de apego e vaidade: os poderes psíquicos. Ainda que estes pudessem ser usados com a finalidade da cura e com intenções benévolas. Dizia:

– Não posso e não devo interferir dessa forma no caminho de ninguém. O que posso fazer é me expor e, ao desvelar o meu caminho, propiciar que cada um busque a Senda a partir de suas próprias possibilidades. – Mas, em algumas situações excepcionais a vi transgredir essa regra. Em nome da amizade e na necessidade de proteger um amigo, vez ou outra ela dava “ordens” ou fazia “profecias” que tiravam alguém querido de alguma beira de abismo. Porém, era compreensível, pois um de seus maiores valores de vida sempre foi a lealdade às amizades; repetia com frequência:

– Quem tem amigo, não morre pagão.

Ângelo Collalto parecia um anjo. Desde jovem tinha o cabelo completamente branco e um pouco ralo. A pele quase transparente e uma magreza frágil davam ao conjunto a sensação de que poderia ser facilmente levado por um vento forte e que jamais deveria ficar debaixo do Sol. Quando saía à luz do dia, usava um chapéu de palha de aba larga. Vestia-se sempre da mesma maneira, calça e camisa com dois bolsos e sapatos macios com meias, ou sandálias de couro. Acordava sempre à mesma hora, almoçava sempre à mesma hora, tomava chá no final da tarde sempre à mesma hora e se retirava para dormir sempre à mesma hora. Uma epilepsia grave, porém controlada, exigia que recorresse a medicações fortíssimas, que Maria cuidava para que nunca faltassem e para que ele nunca esquecesse de tomá-las. Ela era a sua guardiã e cuidadora, missão que assumira ao se casar, conhecedora de suas limitações físicas e dos riscos que representavam.

Era homem sistemático, de fala suave, mansa e pensada; falava sempre no mesmo tom. Gostava de ouvir, e, nas reuniões da teosofia, sempre oferecia privilégio à palavra do doutor Portobello, a quem escutava atentamente. Mas tinha por Maria verdadeira devoção: o seu rosto se iluminava quando ela falava. Nunca o vi contradizê-la. Vez ou outra, ficava incumbido de desenvolver algum assunto e apresentá-lo ao grupo. Naquela noite, ele havia se programado para fazer a leitura da sua versão da *Canção da Criação* do Rig Veda, realizada diretamente

a partir do sânscrito. Sim, ele lia em sânscrito, embora auxiliado, como no caso, por versões em inglês e francês, em cuja leitura era fluente. Nos demos muito bem nesse aspecto, porque o meu sânscrito andava destreinado e pude usá-lo, graças a ele.

Maria, como de costume, servia os presentes, entre eles doutor Portobello e doutor Ibrahim, e o arquiteto José Rodrigues, um ex-atleta que, muito jovem, desenvolveu uma doença debilitante na coluna vertebral que o fez ir progressivamente diminuindo de tamanho. Ele já se chamava José Arcádio muito antes de Gabo publicar o romance que lhe daria um prêmio Nobel. Recebeu esse nome como homenagem a seu avô e a seu bisavô, chamados Arcádio Rodrigues e Arcádio Rodrigues Filho, mas, por considerá-lo muito antiquado, não o usava. Havia na sala um quadro de Maria retratando a bifurcação de uma estrada de terra, cercada por matas, que José adorava. Embora estivesse ao lado de muitos outros quadros – todas as paredes da casa e, principalmente, as paredes da sala exibiam muitos quadros –, esse lhe chamava a atenção. Nunca o comprou.

As duas psiquiatras que costumavam frequentar a casa eram as doutoras Hannah Weissmann e Cora Pinheiro. Para além das conversas, os quitutes de Maria faziam sucesso, Cora devorava biscoitos caseiros enquanto exaltava as habilidades da anfitriã. Cora era psiquiatra forense especializada em reeducação e reintegração de egressos do sistema prisional, em particular aqueles sujeitos a medidas de segurança, trabalho emocionalmente exigente e muitas vezes frustrante. Em busca de um caminho espiritual, encontrou suporte na casa, e, por meio de Maria, descobriu na prática da yoga alívio para as dores da alma.

Outra pessoa que nutria admiração por Maria era Hannah, psiquiatra de formação, mas que atuava exclusivamente como psicanalista junguiana. Seus pais lhe haviam dado esse nome

em homenagem a Hannah Arendt, e logo se percebia como lhe era apropriado. Judia de origem tcheca, era ligada às vertentes místicas do judaísmo, especialmente a Cabala, e tinha larga cultura literária. Também gostava de escrever poemas e peças literárias e se interessava pelo clima de trocas intelectuais e espirituais que acontecia na casa, indo com frequência “para beber da fonte”, como dizia. Poucos sabiam que, a seu modo, ela participara ativamente do combate à ditadura militar nos anos 70.

Logo após Maria se sentar, apagar o cigarro e esvaziar o cinzeiro no papa-cinzas, Ângelo, sentado no canto do sofá, sob o abajur, se pôs a ler.

“Antes de existir o existente, não havia nada, nem mesmo o não-existente. Não havia ar, não havia céu, não havia divisão entre dia e noite, não havia a morte, nem imortalidade.

Então, surgiu a treva, o caos indiscriminado. E a água, uma profundidade de água. E o que não tinha alento respirou por sua própria natureza, oculto nas trevas. Não existia coisa alguma a não ser esse vazio e sem forma.

E do calor nasceu a unidade e, em seguida, o desejo, a semente do espírito. E a linha que separa o que está acima do que está abaixo se ampliou. Sábios perceberam a intimidade entre o que existe e o que não existe, o parentesco entre a ação e a energia. Mas, ninguém sabe dizer onde nasceu e de onde veio esse quê, pois os deuses vieram somente depois da produção deste mundo.

Ninguém sabe se ele gerou toda a criação.

E ninguém sabe se ele sabe sobre si. Talvez não saiba.”

Guilhermina Herrera, tia afetiva de Maria, gostava de andar de bicicleta pela cidade, acompanhada por Amadeus, o cachorro da família e o guardião das trinta e duas cadelas que, espalhadas pelo jardim e pelo interior da casa, estavam sempre disponíveis para a mão do afago. Amadeus não brincava em serviço, fosse para manter a harmonia da família canina, fosse para cuidar da proteção dos humanos da matilha, o que incluía acompanhar Guilhermina em seus passeios.

Desde muito jovem, cultivou os exercícios físicos e um corpo bonito e saudável. Professora de ginástica, durante toda a vida só teve alunas meninas. Dava aulas em casa, em um reservado do jardim quando fazia dia limpo, ou dentro do estúdio, quando chovia ou o Sol estava forte. Praticava diariamente. Mesmo nos dias de aula – geralmente no final das tardes –, era impensável não a encontrar no jardim por volta das dez horas da manhã com maiô duas peças, tênis com meias soquete e boné na cabeça, fazendo o seu circuito com pequenos pesos e outros acessórios.

Não era possível dizer que fosse exageradamente musculosa; mas, a sua musculatura e a sua estrutura física eram tão bem definidas e sem nenhuma gordura ou curva fora do lugar, que era impossível não imaginar o quanto os influenciadores de um futuro digital que Guilhermina não chegaria a conhecer teriam gostado dela. De rosto, era bonita sem ser bela, a expressão quase sempre séria. Nas ruas, quando andava de bicicleta, o seu vestir despojado não chamava atenção e isentava-a de

qualquer malícia. Mas, para quem podia vê-la na intimidade, tinha um corpo perfeito. E assim se manteve ao longo da vida.

Quando completou oitenta anos, resolveu parar de dar aulas, embora tenha continuado a fazer a sua ginástica diária com pesos, maiô duas peças e bonezinho até a véspera de sua passagem. Nessa época, gostava de me desafiar para uma disputa de braço de ferro; eu sempre recusava, rindo, alegando que não ganharia nada se vencesse e perderia tudo se fosse derrotado, pois, sendo um deus, ainda que pequeno, a disputa não seria justa; mas, a verdade é que eu tinha medo de perder para ela. Ela ria. Sabia que eu estava com medo.

O meu nascimento foi obscuro, assim como o de qualquer deus. Algumas pessoas acham que os deuses nascem de suas mentes. Nada mais tolo. Mas, como somos imortais, nascer é sempre um mistério. Seja como for, existimos somente enquanto a grande noite da não-existência não cai sobre nós. Sei que a questão da eternidade-enquanto-tudo-existir torna as coisas difíceis, mas, de algum modo, nasci. Dizem que minha mãe era humana e que, após ter sido seduzida por um deus viciado em sexo, foi torturada e quase morta por sua esposaciumenta. Enquanto minha mãe morria, o deus a divinizou. Assim, nasci um deus pequeno.

De todo modo, não foi minha mãe quem me criou, mas uma concubina do harém de um príncipe naga, aos cuidados da qual fui deixado entre serpentes sagradas e uma inconcebível ausência de tempo. Cresci como menino quase normal. Mas, somente quando algumas gerações de mulheres do harém, incluindo a que me criou, já haviam morrido – e eu ainda era só um menino –, que um alto eunuco da corte, misto de sacerdote e escriba, notou que eu rabiscava versos no alfabeto dos deuses, o sânscrito, e me tomou sob seus cuidados, passando a me oferecer uma formação cultural ortodoxa para a época. Fui, a partir de então, instruído por vários mestres, até que os invasores arianos chegaram e tive clareza a respeito da minha natureza divina. Meu último mestre, antes de morrer sob as mãos dos conquistadores, revelou-me a verdade.

Os invasores se surpreenderam quando voei para além de suas setas. Ficaram tão impressionados que passaram a me incluir entre os seus próprios deuses.

Depois disso, vagueei pelo mundo, observando hábitos de pessoas e deuses. Nas cortes, era sempre bem recebido por ser contador de histórias. E podia me regalar com os néctares e as ambrosias do lugar. Passei a conviver com a difícil arte de circular entre deusas e deuses poderosos, onde a regra mais importante (assim como entre pessoas poderosas) é somente dizer aquilo que se deseja que seja dito e nunca dizer o que não se quer dito. Aprendi a falar e a escrever as diversas línguas que povoavam as terras de então. O egípcio e os hieróglifos; o alfabeto das cunhas, e podia escrevê-lo nas muitas línguas que o utilizavam: sumeriano, acadiano, babilônio, assírio e outras; o hebraico e seu alfabeto de pontos massoréticos que Ângelo e Portobello tanto apreciavam citar; aprendi o grego, o aramaico, o persa, o chinês, e, ao longo do tempo, fui conquistando línguas novas, como o latim e o árabe. Aos poucos também dominei dialetos e línguas menores, de modo que gosto de me gabar de que não há língua entre o Céu e a Terra que desconheça.